

GESTÃO DO RISCO NA AGRICULTURA

Odilio Sepulcri¹

INTRODUÇÃO

Considera-se risco na agricultura a variação não antecipada na produtividade e renda, em função de fatores climáticos e/ou biológicos, riscos associados a variações não antecipadas de preços (mercado), riscos associados a ferimentos e problemas de saúde do trabalhador rural, acidentes, contaminação, etc.

Para melhor entendimento, o risco pode ser definido, segundo Harwood et al, (1999), citado por Burgo (2005), como uma incerteza que afeta o bem-estar dos indivíduos, e está freqüentemente associado com a idéia de adversidade e perda. A palavra risco é derivada do italiano antigo *risicare*, que significa arriscar, ousar. Assim, o risco pode ser entendido como uma opção e não um destino.

De acordo com sua definição, risco pode ser entendido como uma situação em que há probabilidade mais ou menos previsível de perda ou ganho, ou seja, o risco é um evento incerto mas previsível.

É importante destacar que alguns autores distinguem risco de incerteza. Esta última é definida como sendo uma falta de certeza, ou ainda, aquilo que apresenta um resultado ou futuro incerto e indeterminado a priori. Dentro da literatura econômica, várias definições são populares como a de que a incerteza indica situações envolvendo probabilidades não mensuráveis, ao contrário do risco que indica o fato de serem mensuráveis, ou seja, que é possível de se prever. Mais recentemente, a noção de incerteza vem se tornando obsoleta com o método de análise de probabilidades subjetivas e de incerteza de segunda ordem, presentes dentro do método Bayesiano (BURGO, 2005).

De acordo com Silva (2001), citado por Burgo (2005), incertezas imprimem, geram e implicam em riscos associados à probabilidade da ocorrência de resultados indesejáveis ou adversos para determinados eventos e fenômenos. Desta forma, **o processo de tomada de decisão pode ser influenciado por incertezas.**

Assim, **a gestão de riscos** preocupa-se com a análise e a seleção de alternativas para reduzir os efeitos que podem ser ocasionados pelos tipos de riscos existentes. Requer a administração, a avaliação e o entendimento dos riscos a serem gerenciados, dos retornos esperados e outras variáveis.

Este trabalho tem como objetivo discutir alternativas para diminuir e atenuar os riscos climáticos, especialmente da estiagem, para aumentar a estabilidade da renda das unidades produtivas rurais familiares. Para isto serão analisados os tipos de riscos que ocorrem na agropecuária; fatores agravantes ao risco climático; geração de renda nas unidades produtivas familiares; estratégia de competição na agropecuária; alternativas para minimizarem os riscos climáticos; usar referências técnicas e econômicas em apoio à tomada de decisão; critérios e condições a serem observados pela assistência técnica;

¹ Eng. Agro. Mestre em Desenvolvimento Econômico, extensionista da EMATER – Paraná.
odilio@emater.pr.gov.br; odilio.sepulcri@terra.com.br

o risco da diversificação; instrumentos e políticas de apoio e ação extensionista.

1. TIPOS DE RISCOS QUE OCORREM NA AGRICULTURA²

A exploração agropecuária possui alto custo de entrada e de saída na atividade, o que, por si só, já é um fator de risco. O custo de saída do negócio ocorre quando o investimento inicial é alto, dificultando sua saída em função de perdas eventuais, provocadas por tais investimentos quando dão errado.

A maioria das explorações agrícolas necessitam de altos investimentos em maquinaria, benfeitorias, implementos e equipamentos. Ao iniciar um negócio, as condições adversas de preço de mercado devem ser suportadas no curto prazo, pois o prejuízo ao abandonar a exploração poderá ser maior. Este custo de entrada é maior para as explorações de ciclo longo, como a fruticultura, bovinocultura de corte, reflorestamento, etc.

Pela sua peculiaridade, uma série de riscos afetam a agricultura, tais como:

1.1 Risco de produção

Os principais riscos que poderão afetar a produção agrícola são:

- Tecnológicos: defasagem tecnológica, dificuldade de acesso à tecnologia, desconhecimento, etc.;
- Climáticos: granizo, excesso de chuva, seca, vendavais, temperatura;
- Biológicos: ocorrência de pragas, doenças, cultivares inadequados, etc.

1.2 Risco de mercado

Os riscos de mercado dependem do tipo de produto que se produz, de ter um só comprador ou poucos compradores, de mudança de hábitos dos consumidores e de saturação do mercado.

- A curto prazo, pela variação do preço dentro do ciclo biológico;
- A longo prazo, pela variação dos preços além de um ciclo produtivo;
- Inflexibilidade do negócio, pela dificuldade em mudar de atividade em momentos de crise.

Pode-se minimizar o risco de mercado com pesquisa e informação.

1.3 Risco financeiro

Os principais riscos financeiros são:

- Dívidas muito elevadas proporcionam o maior risco financeiro.
- Juros altos - a taxa de juros pode se modificar pela alteração da inflação ou da taxa de câmbio.

Deve-se saber a diferença entre taxa nominal e real de juros. A taxa nominal afeta o caixa da propriedade. A taxa real (desconta-se a inflação do taxa nominal) afeta as decisões de investimentos.

- Consumo x investimento - se o agricultor gastar todo o dinheiro em consumo e nada em investimento/poupança, o seu futuro estará em risco, em caso de frustrações totais ou parciais de safra

² **Fonte:** Adaptado de: Gerald Frengley. Universidade de Lincoln, Canterbury, Nova Zelândia – III Curso de Administração Rural, 18 a 28/08/97, EMBRAPA, Concórdia, Santa Catarina

1.4 Risco pessoal

É um risco difícil de ser detectado por terceiros. É uma questão de confiança, só se sabe sobre ele conhecendo bem o empreendedor, sua família e sua estrutura produtiva. Tais riscos podem ser de:

- Risco de saúde: doença e acidentes pessoais;
- Risco de quebra de contrato de casamento ou de desavenças familiares;
- Risco de quebra de sociedade;
- Risco de quebra de objetivo principal do negócio.

Todos nós queremos ser felizes, o que é diferente de uma pessoa para outra. Se alguma coisa afeta a felicidade do agricultor e sua família, isto pode ser considerado um risco. Como exemplo, ao aumentar a carga de trabalho da família, sobrando menos tempo para lazer, poderá ser uma fonte de menor felicidade.

1.5 Risco de conhecimento

A falta de conhecimento poderá aumentar consideravelmente o risco do empreendimento, como:

- Não conhecer a atividade;
- Não ter acesso às informações;
- Parar no tempo, não reaprender;
- Processos produtivos desatualizados e obsoletos.

2. FATORES AGRAVANTES AO RISCO CLIMÁTICO

A ocorrência de eventos climáticos, por si só, são fatores agravantes ao risco. Entretanto, tais riscos poderão ser aumentados se a unidade produtiva não estiver preparada para enfrentá-los, como citado nos itens a seguir:

- Sistema de produção muito dependente de clima (milho e feijão);
- Renda originária da monocultura;
- Falta de integração entre a produção de lavouras, criações e florestas;
- Agricultor isolado, trabalhando sozinho, sem organizar-se em grupos ou em parcerias ;
- Produção de alimentos básicos, de baixo valor agregado;
- Acesso precário ao mercado, aos canais de comercialização, pois enfrenta um mercado oligopolizado fora da porteira e concorrente dentro da porteira;
- Produz produto não integrado à cadeia de produção, o que dificulta sua comercialização.

3. GERAÇÃO DE RENDA NA UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR

A estabilidade da unidade produtiva familiar depende da geração de renda para a reprodução familiar, no sentido de dar condições ao núcleo familiar para que possa se desenvolver: criar, educar os seus filhos, permanecer no negócio e se capitalizar, bem como promover a sucessão familiar na propriedade. Nesse sentido, os negócios da propriedade deverão **gerar renda** para:

3.1 Manutenção da família – gerar renda mensal para que a família rural atenda suas necessidades básicas e lhe proporcione qualidade de vida. Esta

renda mensal poderá ser obtida com as atividades: leite, avicultura, suinocultura, sericicultura, apicultura, plantas medicinais, olericultura, etc.

3.2 Girar o negócio – gerar renda anual para cobrir o capital de giro e os custos da propriedade. Esta renda poderá ser obtida das explorações anuais, tais como os grãos, fibras, etc.

3.3 Investir e crescer – gerar renda periódica para investir (capitalizar-se) e crescer, a qual poderá ser obtida através de atividades tais como a madeira, lenha, erva mate, palmito e outras atividades de renda periódica.

Para todas as atividades deve-se, primeiramente, observar as condições de mercado para os produtos a serem explorados e considerar, também, os produtos não-agrícolas de mercado local ou regional.

4. ESTRATÉGIA DE COMPETIÇÃO NA AGRICULTURA

A competitividade da agricultura não depende somente da produção e da produtividade. A produção deverá atender algumas características exigidas pelos consumidores.

Existem muitas estratégias básicas que os agricultores podem utilizar para uma situação vantajosa perante seus concorrentes. A melhor estratégia depende, logicamente, da sua própria circunstância. Nenhuma abordagem estratégica simples será igualmente boa para todos os produtores, porém ela deve ser adaptada para suprir as capacidades internas e ambientais (externas) competitivas. Porter (1980), agrupou as várias abordagens estratégicas em três categorias genéricas a saber: liderança em custos (volume); diferenciação e focalização.

No entanto, raramente uma propriedade pode perseguir com sucesso mais do que uma das estratégias simultaneamente, uma vez que cada uma requer um compromisso organizacional voltado para tal objetivo.

4.1 Estratégia de liderança em custos – produzir mais com menos

É a tentativa de se produzir com os menores custos do mercado, mantendo-se a produtividade e a qualidade. É a estratégia adotada para os produtos sem diferenciação, principalmente as *commodities*. Para isto é necessário:

- Desenvolver um sistema agressivo de controle dos custos;
- Perseguir o custo efetivo, custos bons (custos que agregam valor ao produto);
- Eliminar os custos ruins, custos que não agregam valor ao produto (perdas, desperdícios, atrasos nas operações, retrabalho, ineficiência, etc.);
- Controlar rigidamente as despesas gerais;
- Controlar rigorosamente a qualidade dos produtos (produto dentro das especificações, ou das exigências dos consumidores ou pelo mercado).

4.2 Estratégia de diferenciação

Tenta-se criar uma imagem positiva, a ser percebida pelo consumidor, de que o produto e a empresa são únicos. Tradicionalmente, esta diferenciação

está entre uma das seguintes dimensões: *design*; imagem; tecnologia; serviço e rede de distribuição. Como exemplo, têm-se: produtos orgânicos; produtos diferenciados entregues a domicílio; produtos pré-prontos; produtos certificados, etc.

4.3 Estratégia de focalização

Sugere que a empresa esteja segmentando um determinado comprador/ cliente/ consumidor, uma linha de produto ou área geográfica (nicho de mercado). O conceito é servir um determinado segmento melhor do que ninguém. Como exemplo, têm-se os produtos de mercados regionais (farinha de mandioca do litoral, produtos voltados ao mercado justo, produtos com certificação de origem, etc).

5. ALTERNATIVAS PARA MINIMIZAREM OS RISCOS CLIMÁTICOS

Antes de propor qualquer alternativa de renda ou a reconversão do sistema de produção, (mudança radical no sistema de produção, o que poderá aumentar o risco), deve-se fazer uma análise do sistema de produção atual e verificar se o mesmo já atende à geração de renda (mensal, anual, periódica), havendo, apenas a necessidade de se fazer pequenas melhorias incrementais ao atual sistema (aumentar a produtividade, reduzir custos e eliminar perdas desperdícios, ociosidades e retrabalho).

Nesse sentido, deve-se também valorizar as competências da família (conhecimentos, habilidades e atitudes), que poderão contribuir de forma diferenciada na composição da renda familiar.

As alternativas podem ser subdivididas em curto e longo prazo. As de curto prazo, são as que necessitam poucos recursos financeiros para a sua implementação, ocorrendo o contrário, com as de longo prazo.

5.1 Diversificação de explorações

Não colocar todos os “ovos” na mesma cesta. A diversificação tem o intuito de diminuir o risco da atividade, porém usada de forma inadequada, poderá aumentar o risco, como se verá mais adiante. A diversificação poderá ser recomendada com os enfoques:

- Diversificação de época de plantio – utilizar, dentro da época de plantio recomendada, cultivares com ciclos diferentes (curto, médio e longo),
- Diversificação de espécie – fazer a alternância com atividades de ciclo curto e ciclo longo;
- Diversificação espacial – utilizar para a atividade áreas situadas em outras regiões ou municípios, além da área local, com microclima diferente;
- Diversificação de explorações (integração lavoura, pecuária e floresta) - a integração lavoura e pecuária consiste em um sistema em que se observa uma alternância (rotação) de cultivo para grãos e pastagens, onde ambas se beneficiam, potencializando a renda da propriedade. Deve-se considerar lavouras de ciclo anual e perene, incluindo a floresta com o intuito de gerar renda dentro do objetivo estabelecido no item 4 desse trabalho

5.2 Administração e manejo da água (estoque e uso)

Deve ser organizado no contexto da bacia de captação ou da microbacia para surtir o efeito desejado, sendo, portanto, um trabalho comunitário. Planejar a microbacia dentro do que preconiza a legislação para o setor, mantendo a cobertura florestal (preservação permanente e reserva legal) proporcionando a recarga e a manutenção da água no perfil do solo e das águas superficiais.

Realizar obras para a contenção de água de superfície para ser utilizada irrigação sob as suas diversas formas, cultivo protegido, abastecimento dos animais e da família;

5.3 Manejo da cobertura vegetal

Nas áreas cultivadas desenvolver práticas de cobertura do solo como o plantio direto, rotação de culturas e outras;

5.4 Manejo do solo

Realizar obras conservacionistas, terraceamento e outras práticas que proporcionarão uma maior retenção de água e umidade no perfil do solo;

5.5 Área financeira

As decisões nem sempre são tomadas à luz da real situação financeira da unidade produtiva, principalmente pelo descontrole financeiro da grande maioria das unidades produtivas familiares e pelo sistema de caixa única, não separando as despesas da família das despesas da produção e por desprezar a força da ferramenta que controla a entrada e a saída de dinheiro da propriedade.

A seguir, algumas medidas a serem tomadas na área financeira:

- Adiar os investimentos com recursos de terceiros;
- Renegociar a prorrogação das dívidas e taxas de juros em caso de frustração;
- Separar os gastos da família dos gastos das atividades agropecuárias (contas separadas), para facilitar a administração das finanças, estabelecendo uma retirada mínima mensal para a manutenção da família;
- Fazer reserva financeira nos anos de boa safra, para enfrentar os anos ruins que, certamente, ocorrerão dentro da média histórica, com a possibilidade de agravar com a perspectiva de mudança climática;
- Tempo é dinheiro, vale mais o dinheiro em caixa do que a receber no futuro. Portanto, muito cuidado com as vendas com prazos de recebimento muito prolongados;
- Buscar fontes de rendas alternativas aproveitando a habilidade e o conhecimento dos membros da família, o mercado local, como, por exemplo, a confecção de artesanatos, outras profissões como carpintaria, pedreiro, marcenaria, etc.;

5.6 Comercialização – compra de insumos e venda da produção

Comprar e vender bem (menor custo e maior preço) e, para tanto, usar o efeito escala, aumentando o volume de compra dos insumos e de venda da produção e diminuir a intermediação, organizando-se grupos de interesses, sejam eles formais ou informais;

Utilizar, quando possível, os mecanismos atuais da política de comercialização da produção.

5.7 Atividades não agrícolas

A renda da família rural poderá ser proporcionada ou complementada por atividades não-agrícolas, porém desenvolvidas no meio rural tais como: turismo rural; artesanato; serviços diversos; atividades ecológicas; pousadas, etc.;

5.8 Seguro agrícola

Fazer seguro da produção para os produtos cobertos por seguro ou outras formas de reduzir perdas devem merecer toda a atenção do produtor como forma de reduzirem seus riscos.

5.9 Multifuncionalidade da agricultura

A ótica da multifuncionalidade da agricultura provém do reconhecimento do papel da agricultura e de suas relações com os diversos setores da sociedade. O conceito de multifuncionalidade consiste em reconhecer que o seu papel não se restringe à produção de matéria-prima e alimentos, à liberação de mão-de-obra para as atividades urbanas, à geração de divisas e à transferência de capital para os outros setores da economia, mas, também, destacar outras de suas funcionalidades, tais como a social, a ambiental, a patrimonial, a estética e a recreativa/pedagógica. Em função destas outras funcionalidades, as atividades produtivas tradicionais do meio rural-agrícola, pecuária e florestal passam a ter um novo papel na sociedade.

5.10 Organizar um sistema de informações gerenciais para apoiar a tomada de decisão

Organizar e gerar informações gerenciais que permitam a tomada de decisão consistente. A informação gerencial é a resultante da medida da causa e efeito do que na realidade ocorre no empreendimento. Para tanto, necessita fazer medidas e registrar os dados, a fim de verificar se as ações executadas e os resultados obtidos estão dentro do planejado ou do previsto. É uma tarefa contínua que observa o desempenho de cada ação, ou de cada processo e permite as correções das causas, se necessário for, no ato da ação.

As informações (fatos e dados) a serem geradas deverão ser aquelas que identificam se o empreendimento está sendo capitalizado, gerando riqueza ou não, utilizando as ferramentas disponíveis tais como: informações sobre a situação financeira do empreendimento; informações para medir a produtividade dos recursos produtivos (fatores de produção), informações sobre a alocação dos fatores produtivos escassos e informações sobre competências essenciais dos empreendedores (DRUKER). Deve-se acrescentar a estas, informações do mercado de insumos e de produtos.

5.11 Parceria institucional

A frustração parcial ou total da produção, em uma região onde a agricultura é uma das principais fontes de renda, provoca impacto em toda a economia municipal e na sociedade local. Portanto, para minimizar um problema de tal

magnitude, torna-se necessário mobilizar todos os atores locais, regionais, a nível estadual e federal.

6. USAR REFERÊNCIAS TÉCNICAS E ECONÔMICAS EM APOIO A TOMADA DE DECISÃO

Para as alternativas em substituição a qualquer atividade, ou diversificação devem ser analisadas, comparativamente, suas referências técnicas, econômicas e ambientais, para verificar se há vantagem ou não nessa substituição. Como exemplo, considera-se a cultura do fumo a ser substituída por outras explorações.

TABELA 1 – ALTERNATIVA, INVESTIMENTOS, ÁREA MÍNIMA, MÃO-DE-OBRA, PRODUTIVIDADE, RENDA BRUTA, CUSTO VARIÁVEL, MARGEM BRUTA E ÍNDICE

| Alternativa | Investimento R\$ ³ | Área mínima ha | M. Obra Eq. H/ha | Produtividade e Kg/ha | Renda Bruta R\$/ha | Custo Variável R\$/ha | Margem Bruta R\$/ha | Índice (%) |
|-------------------------|-------------------------------|----------------|------------------|-----------------------|--------------------|-----------------------|---------------------|------------|
| Fumo ¹ | 9.000 | 1,5 | 0,7 | 1.900 | 7.521 | 5.304 | 2.217 | 100 |
| Soja ⁴ | | | | 2.820 | 1.783 | 840 | 943 | 42 |
| Bardana ² | 60.000 | 3,0 | 1,3 | 6.000 | 1.860 | 700,00 | 1.160 | 52 |
| Calendula ² | 60.000 | 3,0 | 1,3 | 2.066 | 14.462 | 1.800 | 12.662 | 569 |
| Camomila ² | 60.000 | 3,0 | 1,3 | 400 | 1.600 | 800 | 800 | 36 |
| Cap. limão ² | 60.000 | 3,0 | 1,3 | 3.000 | 2.100 | 500 | 1.600 | 72 |
| Melissa ² | 60.000 | 3,0 | 1,3 | 2.000 | 9.000 | 2.600 | 6.400 | 288 |
| Repolho ² | 8.000 | 1,0 | 0,7 | 40.000 | 7.500 | 4.500 | 3.000 | 135 |
| Man. Salsa ² | 8.000 | 1,0 | 0,3 | 13.000 | 8.666 | 2.129 | 6.537 | 295 |
| Cebola ² | 8.000 | 1,0 | 0,4 | 12.000 | 4.200 | 2.500 | 1.700 | 77 |
| Cenoura ³ | 8.000 | 1,0 | 0,4 | 30.000 | 8.191 | 7.241 | 950 | 43 |
| Crisântemo ³ | 50.000 | 0,13 | 1,3 | 35.595 | 49.553 | 44.924 | 4.629 | 209 |
| Pepino ² | 8.000 | 1,0 | 0,5 | 25.000 | 8.000 | 5.000 | 3.000 | 135 |
| Pimentão ³ | 8.000 | 1,0 | 0,5 | 24.000 | 10.892 | 9.037 | 1.855 | 84 |
| Tomate ² | 8.000 | 1,0 | 1,5 | 50.000 | 22.000 | 15.000 | 7.000 | 316 |
| Ameixa ² | 10.000 | 3,0 | 1,0 | 9.000 | 5.850 | 2.176 | 3.674 | 166 |
| Caqui ² | 10.000 | 3,0 | 0,2 | 15.000 | 4.560 | 1.381 | 3.179 | 143 |
| Morango ³ | 10.000 | 0,4 | 8,0 | 20.000 | 23.378 | 17.658 | 5.721 | 258 |
| Nectarina ² | 10.000 | 3,0 | 1,0 | 9.000 | 5.850 | 2.176 | 3.674 | 166 |
| Pêssego ² | 10.000 | 1,0 | 1,0 | 9.000 | 5.850 | 2.176 | 3.674 | 166 |
| Uva Rúst ² | 10.000 | 1,0 | 1,0 | 8.000 | 7.200 | 3.788 | 3.412 | 154 |

Fonte: ¹ SEAB/DERAL (2003); ² EMATER-PR (2003); ³ FNP – Agrianual (2003); ⁴ OCEPAR (2003)

Verifica-se nessa análise, na tabela 1, que somente as plantas medicinais (calêndula, melissa), as olerícolas (repolho, mandioquinha salsa, tomate pepino e morango), as flores (crisântemo) e as frutíferas (pêssego, ameixa, nectarina, uva rústica e caqui) substituem a cultura do fumo com vantagem na margem bruta gerada, sendo que, para isso, necessitam maiores

³ Refere-se investimento inicial, na cultura do fumo estão incluídos os investimentos em estufa e depósito. Para as plantas medicinais (bardana, calêndula, camomila e capim limão) estão incluídos a unidade de beneficiamento e os equipamentos. Para flores (crisântemo) os investimentos em estufa. Para frutas e olerícolas os investimentos incluem um depósito para seleção e armazenamento temporário.

investimentos e maior tempo para iniciar a produção, como no caso das frutíferas. Cabe considerar, ainda, que uma pequena área com essas explorações atende toda a demanda de mercado local/ regional.

7. CRITÉRIOS E CONDIÇÕES A SEREM OBSERVADOS PELA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A recomendação da assistência técnica para solução dos problemas climáticos deve seguir alguns critérios tais como:

- Atender os requisitos para um desenvolvimento sustentável (econômico, social e ambiental);
- Respeitar a autonomia nas decisões dos produtores, sem a interferência de terceiros;
- Explorar produtos demandados pelo mercado e que tenham os canais de comercialização organizados para facilitar a comercialização;
- Observar as recomendações contidas no Zoneamento Agrícola do Estado do Paraná (IAPAR, 2003);
- Planejar a produção conforme aptidão edafoclimática;
- Explorar atividades com alta densidade de renda por área, visando maior retorno por unidade de área, visto que os agricultores familiares possuem limitação em tamanho de área;
- Utilizar explorações com alta absorção de mão-de-obra para os produtores que possuem esse fator abundante na propriedade.

8. RISCO DA DIVERSIFICAÇÃO

O papel da diversificação é diminuir o risco, quando utilizado dentro do limite da competência da unidade produtiva familiar. Do contrário, a diversificação passa a ser um sério risco, o que se constata a seguir:

- Falta de conhecimento – a mudança radical das explorações exige um novo conhecimento, nova tecnologia, novo mercado, etc, ampliando, dessa forma, o risco da atividade;
- Falta de foco – ao explorar várias atividades corre-se o risco de perder o foco e não ser competitivo em nenhuma delas;
- Complexidade administrativa – o maior número de atividades implica em maior número de operações a serem executadas, maior número de controles, etc., resultando em maior complexidade administrativa. Esse número deve ser compatível com a competência e a capacidade administrativa de cada família;
- Mudança intempestiva – devem ser analisados todos os aspectos da mudança, elaborar um plano de negócio, para então decidir pela mudança ou não;
- Estrutura da propriedade – a escolha das novas atividades devem ser compatíveis com a estrutura existente na propriedade, para evitar aumentar os riscos com o aumento de novos investimentos.

9. INSTRUMENTOS E POLÍTICAS DE APOIO

Para implementar os ajustes propostos o extensionista deve apoiar-se nas políticas públicas e programas existentes, tanto de geração de renda como de transferência de renda, além de buscar parcerias para tal.

- Políticas públicas – procurar conhecer as políticas públicas que poderão beneficiar os produtores, tais como o Paraná 12 Meses, Leite da Crianças, Luz Fraterna, Taxa de Água da SANEPAR, etc. ;
- Política agrícola: plano de safra – interar-se das normas e regulamentos para que o produtor possa se beneficiar dos benefícios ali existentes; (15% a mais de crédito para os produtores que fizerem a integração lavoura e pecuária, rastreamento do rebanho bovino e a existência de reserva legal);
- Cartas climáticas – mapeamento das regiões e microclimas com maior risco para planejamento das medidas mais adequadas a cada caso;
- Zoneamento agropecuário - Observar as recomendações contidas no Zoneamento Agrícola do Estado do Paraná (IAPAR, 2003);
- Plano de negócio - elaborar um plano de negócio, para analisar os fatores favoráveis e desfavoráveis da proposta, a fim de auxiliar no processo de tomada de decisão;
- Gestão – ter conhecimento gerencial capaz de alocar os recursos produtivos em atividades economicamente sustentáveis.

10. AÇÃO EXTENSIONISTA

ATER especializada - Pelos riscos da diversificação já citados, necessita de assistência técnica especializada ou com conhecimento profundo na alternativa recomendada;

- Organizar as ações – para potencializar os recursos e os resultados, torna-se necessário organizar as ações (estratégia e operações) para apoiar os produtores nessa trajetória de mudanças para que tenham êxitos;
- Educação continuada – não só para os produtores, mas também para os extensionistas, visando fazer frente às constantes mudanças de conhecimento, tecnologia, exigências de mercado, logística, técnicas de gestão, etc. ;
- Planejamento (começo, meio e fim) – elaborar o plano de negócio já comentado anteriormente;
- Foco no mercado – o mercado é o “farol que ilumina a produção”. Deve-se produzir produtos demandados pelo mercado e com as características e atributos exigidos pelo consumidor. Ter atenção para a qualidade, produtos limpos, produtos orgânicos, produtos que respeitem os aspectos ambientais e sociais em seu processo produtivo;
- Ação integrada – desenvolver a ação integrada com outras instituições afins, com a finalidade de potencializar o uso dos recursos e dos resultados.

Curitiba, março de 2006

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGO, M. N. **Caracterização espacial de riscos na agricultura e implicações para o desenvolvimento de instrumentos para o seu gerenciamento.** Piracicaba, 2005. 103 p. Dissertação de Mestrado – ESALQ/USP

CARAMORI, P. H. et al. Zoneamento Agrícola do Estado do Paraná. Londrina : IAPAR, 2003, 76p.

DRUCKER, P. F. **As informações de que os executivos realmente precisam in Processo Decisório.** Os melhores artigos da Harvard Business Review. Rio de Janeiro: editora Campus/Elsevier, 2006.

EMATER-PR. **Subsídios do Seminário interno para proposição de alternativas para solucionar o problema gerado pela estiagem.** Curitiba, 03/03/2006.

GERALD FRENGLEY. **III Curso de Administração Rural.** EMBRAPA/ Universidade de Lincoln, Canterbury, Concórdia - Santa Catarina 18 a 28/08/97.

PORTER, M. E. ; **Competitive Strategy;** Free Press, New York, 1980.